



A INDÚSTRIA DA PESCA: PROPOSTA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA.

César Augusto Avila Martins
Doutor em Geografia (Desenvolvimento Regional e Urbano)
Universidade Federal Rio Grande
Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

O processo de mundialização de empresas da indústria de base e de bens de consumo com suas conseqüências econômicas, políticas, ambientais e no mundo do trabalho, bem como a emergência de monopólios e oligopólios são relativamente estudadas. As estratégias e ações da industrialização de pescado são menos estudadas, mas permitem apreender as dinâmicas e tensões que constituem a essência do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo nas distintas formações sociais.

A indústria pesqueira é uma das últimas atividades econômicas que possui como fonte essencial para o seu desenvolvimento a extração de seres vivos transformados em matéria-prima industrial. O setor de processamento de pescado envolve majoritariamente a produção de diferentes mercadorias como os congelados, as conservas e os defumados. Apesar da elevação da disponibilidade de pescado produzido em cativeiro nas distintas formas de aquicultura, a pesca ainda é essencial para o processamento industrial da fonte de proteína animal mais perecível. Entre os gargalos da industrialização de pescado, esta a distribuição desigual das diferentes espécies quanto a sazonalidade, as características dos indivíduos para manipulação fabril e a concorrência com outros alimentos produzidos por cadeias produtivas altamente organizadas e oligopolizadas.

O texto objetiva apresentar uma perspectiva para análise do setor industrial pesqueiro baseada no pressuposto que a atual fase de desenvolvimento do capitalismo como forma hegemônica das relações sociais com elevação das forças produtivas eivadas dos processos de inovação com aumentos dos fluxos e da ociosidade planejada, está articulada como o crescente processo de hegemonia do capital financeiro e na combinação contraditória entre a Natureza, o Estado, o capital e o trabalho. A perspectiva permite análises transescalares, mas o texto está assentado prioritariamente nas escalas mundial e nacional com exemplos das dinâmicas de empresas espanholas e brasileiras dos setores de enlatamento e congelamento, onde a matéria-prima representa, por exemplo, cerca de 50 % do preço final de um enlatado de pescado e a força de trabalho oscila entre 6 e 15% nas fábricas de conservas na Espanha e no Brasil. Justifica-se o recorte com as empresas que realizam prioritariamente o enlatamento e o congelamento, pois as duas formas de processamento minimizam a alta perecibilidade da carne de pescado, permitindo o aumento do volume de seu comércio internacional na direção de constituir mais um *commoditie*, garantindo a disponibilidade de uma proteína de alta qualidade para o consumo humano em concorrência com outros alimentos.

As principais fontes da pesquisa foram os dados mundiais da produção pesqueira, de seus produtos e do comércio internacional disponibilizados nos sistemas *Fisheries and Aquaculture Information and Statistics Service* e *Fisheries statistics: commodities* da *Food and Agriculture Organization* (FAO). Para a dinâmica geral das empresas do setor de conservas de pescado foram utilizados os relatórios da *Canned Food Industry Market Research Reports*. A pesquisa articulou os dados mundiais com pesquisas na Espanha e no Brasil. Da Espanha, foram utilizados os dados do *Instituto Nacional de Estadística* e de publicações especializadas como *Fomento de*

produccion: 25.000 maiores empresas españolas, Alimarket Alimentación e Ardan- Informe econômico y competitividad. Os dados e as informações foram cotizados com entrevistas realizadas em 2012 na *Asociacion Nacional de Fabricantes de Conservas de Pescados e Mariscos* (ANFACO), localizada em Vigo e em empresas conserveiras galegas que respondem por aproximadamente 75% a produção industrial pesqueira espanhola. Para o Brasil, as informações sobre a pesca são dos boletins estatísticos do Ministério do Meio Ambiente Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (MMA/IBAMA) e do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), da atividade industrial pesqueira são do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA) e do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS). A base das informações sobre as empresas são do *Datamark-market inteligente Brazil* e do Sistema de Inspeção Federal do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SIF/DIPOAMAPA). No Brasil as atividades de campo foram realizadas nas sedes das maiores empresas do setor de conservas e de congelamento com autorização do SIF/DIPOAMAPA para comercialização em todo território nacional e com instalações nos municípios catarinenses de Itajaí e Navegantes e no estado do Rio Grande do Sul, unidades federadas responsáveis por cerca de 60% da produção brasileira de pescado.

A indústria pesqueira como dependente da dinâmica natural da produção de pescado enfrenta a contradição do aumento das capturas em praticamente todos os corpos de água que com diferentes graus de comprometimentos, são afetados pelas forças naturais como os fenômenos *El niño* e *La niña* e também pela emissão de efluentes, grandes obras de infraestrutura e em função do aumento dos fluxos de embarcações. No conjunto, as capturas estão presentes em praticamente em todos os corpos de água que em muitas áreas apresentam elevados graus de comprometimento de suas qualidades ambientais e há indicações de descompassos entre os ritmos de reprodução natural e da atividade econômica. Entre os resultados está não apenas o comprometimento da quantidade e da qualidade do pescado transformado em matéria-prima industrial, mas das atividades de produtores que trabalhavam em ritmos próximos a reprodução de algumas espécies e viviam e vivem como pequenos produtores mercantis.

Como exemplo de manifestações dos ritmos naturais que impuseram e impõem oscilações climáticas e afetam a produção pesqueira, veja-se, por exemplo, que no século XV ocorreu o aquecimento das águas do litoral da Galícia que forçaram a migração das baleias e do bacalhau para o Norte e permitiu a presença das sardinhas que impulsionaram nos séculos seguintes o incremento da pesca e a construção de um dos mais importantes parques fabris pesqueiros do mundo. No século XXI, há indicações de mudanças naturais que através de diagnósticos iniciais sugerem o deslocamento de alguns estoques de suas áreas tradicionais e obrigam as diferentes formas de organização da pesca a adaptarem suas estratégias de captura e eventualmente criam novas tensões e conflitos. Em conjunto com as alterações das dinâmicas naturais cíclicas, há eventos extremos que comprometeram por anos a quantidade e a qualidade do pescado capturado. Entre esses estão os eventos extremos como o vulcanismo ou *tsunamis* e também acidentes como os ocorridos com o navio petroleiro *Exxon Valdez* no Alasca em 1989, com o *Prestigie* no litoral da Comunidade Autônoma da Galícia na Espanha em 2002, com a plataforma da *British Petroleum* no Golfo do México em 2010 e o derramamento de resíduos de barragens da mineradora Samarco em Minas Gerais no Brasil em 2015.

Com as dinâmicas naturais que incluem aquelas determinantes dos volumes e sazonalidades das diferentes espécies de pescado estão os limites e limiares para produção industrial de pescado que apresenta grandes empresas mundiais eventualmente verticalizadas ou horizontais com a presença do capital financeiro. Nas disputas oligopolistas são estabelecidas intrincadas relações sobre o direito do que,

como e onde pescar envolvendo Estados Nacionais e acordos internacionais. Estes estão relacionados com regramentos para as capturas, a comercialização, salubridade dos processos, áreas marítimas protegidas por questões ambientais, econômicas ou políticas, cotas para capturas de espécies migrantes como vários tunídeos e negociações para exploração de pescarias por países detentores de tecnologias mais avançadas. Entre os resultados está o aumento das exportações mundiais de pescado de 25% para 37% do total das capturas entre 1976 e 2012 com uma queda do preço por quilo que oscilou entre três e dois dólares em 1990, quando iniciaram os resultados da produção em escala da aquicultura, para menos de U\$ 2 em 2012.

Num contexto de abundantes informações e denúncias sobre o comprometimento de vários estoques que incluem o desaparecimento dos chamados peixes selvagens, há a concentração da pescarias e do processamento em algumas espécies, como as reconhecidas como sardinhas e atuns. Das 23 espécies ou gêneros que respondem por cerca de 40% das pescarias mundiais, cinco são sardinhas e atuns. Daí o destaque das empresas que realizam a pesca e especialmente o processamento das duas espécies. A pesquisa destaca que a produção de atuns em conserva teve um aumento da produção de 520 mil toneladas em 1976 para 1.677 mil toneladas em 2009 enquanto o total do pescado em conserva passou de 4.740 mil toneladas para 7.554 no mesmo período.

O crescimento da produção de atuns em relação a produção total de conservas de outros pescados exemplifica a proposta de análise, pois sua gênese está na consolidação da posição dos produtores asiáticos com empresas pertencentes a grupos econômicos, que verticalizam e horizontalizam suas organizações com frotas que atuam em estoques em diferentes áreas oceânicas. A estratégia remonta a frota japonesa que na década de 1930 ligada ao imperialismo nipônico, detinha a supremacia nas áreas de pesca na Ásia e até o final da década de 1960, com a coordenação de grupos empresariais como a Mitsui e a Mitsubishi, pescavam em praticamente todos os pesqueiros mundiais.

No nível das empresas, grupos econômicos historicamente oligopolizam o setor em distintas formações sociais: no Japão pela Hagoromo Foods e Maruha Corporation; nos Estados Unidos da América pelas empresas Starkist (grupo Heinz), Chicken of the Sea (grupo Tri-Union Seafoods) e Bumble Bee (grupo ConAgra Foods); na Itália por Bolton Alimentari e General Conserve; na França pela Petit Navire do grupo Thai Union Frozen Group (TUF) e Salpiquet do grupo Bolton. Na Espanha, as empresas Calvo, Frinsa, Garavilla e Jealsa Rianxeira lideram o mercado. Entre as estratégias estão a aquisição ou a construção de fábricas em distintos países como realizado pela Calvo (Brasil e El Salvador) e Jealsa (Brasil, Chile e Guatemala) ou a transferência da produção, como a MW Brands que produz a marca italiana "Mareblue" nas fábricas da França, Portugal, Gana ou Sheichelles. No Brasil, no final do século como um dos sinais da crise econômica, das limitações alguns estoques e do esgotamento das políticas estatais oriundas da extinção da Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE) e advindas do Decreto 221/67 que preconizava a indústria de pesca como indústria de base, ocorreu a reestruturação do setor e o começo da presença de grandes empresas espanholas no país. O processo seguiu uma trajetória da presença de capitais estrangeiros no setor iniciada em 1973 quando a *Quaker Oats* estadunidense adquiriu a indústria Coqueiro fundada em 1937 em São Gonçalo no estado do Rio de Janeiro. Em 2000 a Coqueiro foi adquirida pela Pepsico. Em 2011, a firma foi adquirida pelo grupo Camil que abriu seu capital e no processo de diversificação do *portfólio* também comprou a Ferreira Mercado de Pescados (FEMEPE de Navegantes/SC), aumentando a concorrência oligopolista no setor.

A concorrência arrasta não apenas o comprometimento dos estoques, mas das condições de trabalho salariais nos barcos e nas fábricas com as possibilidades de deslocamentos das unidades produtivas.

Nas embarcações, apesar dos avanços para segurança da navegação e no trabalho na pescaria, a atividade é reconhecida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como “*la profesión más peligrosa*” e não são incomuns o descumprimento de acordos trabalhistas e mesmo o uso de trabalho escravo, especialmente em embarcações que praticam a pesca fora das pactuações dos acordos de pesca.

Nas fábricas há registros, por exemplo, na Espanha de lutas sindicais desde século XIX. No país ibérico, apesar das melhorias nas condições de trabalho, as trabalhadores enfrentam a ameaça do deslocamento das fábricas de algumas das maiores empresas de conserva de pescado galegas para América Latina e África. O processo de transferência de parte da produção com a instalação de fábricas fora da Espanha pode ser exemplificado na mudança da estrutura territorial de três das quatro das maiores empresas galegas: a Calvo empregava em Carballo, 550 pessoas e 300 em Esteio Muros, enquanto sua unidade no Brasil possuíam 2.000 trabalhadores e a de El Salvador, 1.000; a Jealsa de um total de 3.500 trabalhadores, empregava entre 300 e 400 na Guatemala, 300 no Chile, 300 no Saara Ocidental (fechada em 2014) e 800 no Brasil, com fábricas em Rio Grande (Rio Grande do Sul) e no Ceará; a Salica com cerca de 2.500 trabalhadores, sendo 10% em Bermeo e o restante no Equador.

No Brasil, há escassos registros de resistências dos trabalhadores empregados nas frotas industriais e nas fábricas, mas ocorreram e ocorrem movimentos de pescadores que vivem como pequenos produtores mercantis ameaçados por problemas ambientais em suas áreas de trabalho e moradia. As resistências nas fábricas normalmente esta relacionado a iniciativas pontuais, especialmente de mulheres em relações as precárias condições de trabalho, a sazonalidade e aos baixos salários.

Por fim, a proposição de análise da industrialização de pescado, à luz das ligações genéticas entre as dimensões naturais (as diferentes espécie tornadas matéria-prima), econômicas (as empresas do setor), políticas (as regulações, sobretudo estatais) e sociais (os trabalhadores dos barcos e das fábricas), constitui uma possibilidade de investigação acadêmica que ao partir da lógica hegemônica do modo de produção, compreende as distintas escalas e permite a elaboração de proposições para a minimizar as desigualdades econômicas e territoriais nas distintas formações sociais.

cavilamartins@yahoo.com.br; cesarmartins@furg.br